HVMANITAS

[Recensão a] MILLER, Olivier; SANCHI, Luigi-Alberto, Paris, carrefour culturel autour de 1500

Autor(es): Lopes, Maria José

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/43190>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/2183-1718_70_10

Accessed : 26-Apr-2023 13:10:28

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

umanitas

70

simplesmente “pescado”) encontra-se sardinha, corvina, pargo, linguado e sável, distinto do chamado “pescado de couro”, em que se incluem a raia, a “auga” e o cação. De melhor qualidade o primeiro, mais caro e preferido, as questões atinentes à sua venda, preço e frescura tinham que ser devidamente geridas e controladas. E naturalmente, dizemos, com o peixe vem o sal, elemento fundamental do quotidiano, presente desde tempos recuados e de variada utilização. Presente está, mas não muito, nas actas de vereação consultadas, que mencionam tão-só a existência de “sainhas” (marinhas) perto da vila.

A interpretação das informações recolhidas, de acordo com o critério já enunciado, permitiu efectivamente abarcar aspectos diversos da dinâmica económica e social louletana na centúria considerada, e daí “formar uma imagem da alimentação medieval do território algarvio”. O crescente interesse pela “dieta mediterrânica” que é, desde 2013, Património Imaterial da Humanidade, tem neste livro mais um elemento de consulta e, embora se reconheça a parcimónia informativa das fontes em que se baseou, elas permitem definir a frugalidade das gentes, as suas necessidades e a sua coexistência.

MARIA ISABEL MIGUENS DE CARVALHO HOMEM
Universidade Autónoma de Lisboa
almisch@gmail.com
orcid.org/0000-0003-1082-7936
https://doi.org/10.14195/2183-1718_70_9

MILLER, Olivier; SANCHI, Luigi-Alberto, *Paris, carrefour culturel autour de 1500*, 324 pp., Paris, PUPS, 2016, ISBN: 979-10-231-0523-0

Recensão recebida a 16-05-2017 e aprovada a 08-06-2017

A obra *Paris, carrefour culturel autour de 1500*, editada por Olivier Miller e Luigi-Alberto Sanchi, recolhe as contribuições dos investigadores que participaram no colóquio “Le carrefour culturel parisien au tournant de 1500”, realizado em Março de 2015 na Sorbonne, com o apoio de várias entidades, entre as quais a Association V.L.Saulnier. Este volume colectivo divide-se em quatro partes, antecedidas não por uma introdução mas, significativamente, pelo artigo de Frank Lestringant “Le Paris des cosmographes (xvi^e siècle)”. De facto, a melhor forma de descrever a Paris

de 1500 é aproveitar as palavras de políticos-cronistas como Robert Gaguin, ou dos vários geógrafos-filólogos do tempo. Os “cosmographes”, abundantes numa Europa voltada para a expansão ultramarina, eram inspirados pelo humanismo renascentista, misturando a realidade visível com etimologias por vezes delirantes, no esforço – sobretudo entre os de nacionalidade gaulesa –, de encontrar no passado mítico e histórico da Antiguidade clássica um enquadramento fundador compatível com a grandeza crescente da capital de França.

Libertada da longa e destruidora Guerra dos Cem anos, unificada e agora imersa na disputa pelo controlo da Itália, eixo cultural do tempo, a Paris de 1500 era uma cidade livre para a grande política mundial e para a efervescente cultura humanística, prestes a sofrer os choques da Reforma e da Contra-reforma. Coerentemente, a concepção do volume *Paris, carrefour culturel autour de 1500* assenta na análise da circulação dos textos e dos contactos entre os intelectuais e as elites sociais – franceses e do resto do continente –, na “unité de lieu” dinâmica – “carrefour” – que é Paris.

A primeira parte é dedicada a “Les institutions et les réseaux”, sublinhando, nomeadamente, o enquadramento e influência da Sorbonne – “La place de Paris dans le réseau des Universités européennes vers 1500”, de Jacques Verger –, a importância da edição de textos marcantes, tanto intelectuais como populares – “Réseaux érasmiens autour de l’édition parisienne des *Adages* (1500)”, de Christine Bénévent; “Le *Praelum Ascensianum*: carrefour parisien, carrefour européen”, de Louise Katz; “Chanter sans partition à Paris vers 1500: les paroliers sans musique”, de Alice Tacalle –, e o papel de algumas personalidades – “Levèvre d’Étaples et le renouveau de l’enseignement universitaire parisien”, de Jean-Marie Flamand; “Le réseau européen des correspondants de Guillaume Budé”, de Cédric Vanhems.

A segunda parte – “Les sources et leur circulation” – acompanha o percurso dos textos antigos, sobretudo greco-latinos, mas também bíblicos, cuja tradução, normalmente relacionada com mecenas poderosos, é um sinal da pujança do humanismo renascentista. Assim, “Traduire pour la reine. La circulation des traductions autor d’Anne de Bretagne”, de Estelle Doudet; “Lucien de Samosate à Paris: notes complémentaires sur un exemplaire annoté (BnF Rés. Z 247)”, de Romain Menini; “Plaute à Paris: diffusion et imitation des comédies plautiniennes au début du xvi^e siècle”, de Mathieu Ferrand; e “Le *Thesaurus linguae sanctae* de Robert Estienne (1548): dialogue entre éditions latines et hébraïques”, de Judith Kogel. “Rémy Roussel (*Remigius Rufus Candidus Aquitanus*), figure oubliée de l’humanisme parisien”, de

Olivier Pédeflous, chamam a atenção para figuras esquecidas, mas pertinentes ao tempo na divulgação ao mais alto nível da cultura literária de inspiração clássica, até por acumularem, com frequência, a actividade intelectual com o exercício de funções públicas de relevo.

A terceira parte – “Les auteurs et leur réception” – aponta para os frutíferos contactos entre autores contemporâneos de várias proveniências, por vezes incentivados pela realidade político-militar – “Fausto Andrellini ou l’homme carrefour. Italien naturalisé, professeur à Paris et poète royal de Charles VIII à François Ier”, de Sylvie Lefèvre; “Les textes et les hommes à Paris autour de 1500: Bourguignons, Champenois, Normands et leurs présences dans la capitale”, de Jelle Koopmans; “Les *Amours* (1513) d’un Belge à Paris: Remacle d’Ardenne, le «plus ancien poète néo-latin d’amour en France»”, de Perrine Galand –, por vezes inspirados no passado medieval – “Paris, la croisade, le Concordat de Bologne. Une lecture contextualisante de *Morgant le Géant*”, de Francesco Montorsi. Contudo, sinais de uma menor abertura começam a surgir, como o crescente debate à volta da figura de Erasmo de Roterdão – “«Contra Erasmum»: nouveaux indices de la réception parisienne et universitaire d’Érasme”, de Gilbert Fournier.

Por último, a quarta parte – “Les livres de Josse Bade dans les collections de la Sorbonne” – concentra-se na imprensa de Josse Bade, o *Praelum Ascensianum*, reflexo da visão cultural do proprietário, empenhado na transmissão e divulgação da literatura greco-latina – “La production des presses de Josse Bade”, de Louise Katz. As várias reproduções coloridas presentes neste volume são complementadas por uma lista – “Liste des ouvrages exposés”, de Isabelle Diry – que corresponde às obras expostas durante o colóquio.

A obra *Paris, carrefour culturel autour de 1500*, que é aliás enriquecida por um índice analítico, proporciona, assim, um interessante e variado fresco da cidade de Paris de 1500, herdeira da grandeza medieval, mas crescentemente humanística e pronta para uma expansão política e intelectual que conduzirá a cidade para o centro da cultura europeia nos séculos seguintes.

MARIA JOSÉ LOPES

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Centro Regional de Braga

Universidade Católica Portuguesa

mlopes@braga.ucp.pt

orcid.org/0000-0003-2463-4166

https://doi.org/10.14195/2183-1718_70_10